

olhos de cristal

nance gonçalves

AVISO DE CONTEÚDO:

*Este livro contém assuntos sensíveis
que podem causar gatilhos emocionais.*

Para o meu avô,
que me ensinou o poder de lutar.

GLOSSÁRIO

Aura: campo de energia que envolve o corpo físico de um objeto, ser humano ou animal. Num sentido figurado, muda de cor consoante o estado emocional ou o humor de cada um.

AURA – CORES E SIGNIFICADOS

CORES	ASPETOS POSITIVOS	ASPETOS NEGATIVOS
Vermelho	paixão, energia, fogo, sucesso, força de vontade, poder	raiva, perigo
Laranja	aventura, coragem, sucesso, amizade	ignorância, preguiça
Amarelo	criatividade, alegria, amizade	instabilidade, irresponsabilidade
Verde	comunicação, sociabilidade, sensibilidade, fertilidade, cura dinheiro	culpa, inveja
Rosa	empatia, gentileza, tolerância, carinho, amor, felicidade	fraqueza, imaturidade
Azul	tranquilidade, amor, lealdade, inteligência, segurança, confiança	medo, distanciamento
Roxo	curiosidade, conexão espiritual, gentileza	mistério, mudanças de humor
Branco	bondade, inocência, pureza, frescura	frieza, distanciamento

CORES	ASPETOS POSITIVOS	ASPETOS NEGATIVOS
Cinzentos	segurança, confiança, inteligência	tristeza, sombrio, conservador
Preto	proteção, classe, formalidade, dramatismo	morte, maldade, mistério

PRÓLOGO

Parece um anjo.

Lia-se no depoimento policial.

Pura. Genuína.

O olhar do psiquiatra alongou-se pela janela unidirecional e deteve-se no suspeito aparentemente calmo e impassível que aguardava o interrogatório.

Só pode ser um anjo para se revestir de tamanha perfeição. E não falo só do brilho dos seus caracóis áureos, nem do azul translúcido daqueles olhos que parecem ler a alma de quem neles se atravessa. Cativaram-me os gestos, aqueles que mostravam tanta gentileza.

O cuidado na linguagem intrigava o homem de meia-idade e, embora não o admitisse em voz alta, aticava-lhe o entusiasmo.

Lembro-me de a ver, certa vez, a ler. Aquele livro não tinha um único vinco.

Ela é um anjo. Perfeito.

Já eu? Nunca estive à altura de uma mulher tão forte.

Certamente que não. Parecia um lagarto bípede.

Por isso, investi em mim. Estudei. Arranjei um emprego. Uma casa. Dinheiro.

Encontrámo-nos tantas vezes. E, de todas elas, foi mágico. Sei que sentiu o mesmo, pois aquela magia era mais do que palpável. Além disso, a preocupação persistente e o olhar sincero e acolhedor não davam margem para dúvidas.

Ela sentia o mesmo!

O doutor cerrou os dentes e esboçou uma careta, preocupado com a linha de pensamento do seu mais recente paciente.

Só não era o momento certo...

Por isso, continuei a trabalhar e a aprimorar-me. A cuidar de mim, sempre

com o pensamento em nós. Não permiti uma aproximação maior até que... me tornei perfeito para ela.

E agora, está tudo alinhado. Sou a melhor versão de mim. Finalmente podemos estar juntos.

Vamos ficar juntos.

O psiquiatra fechou o caderno e aproximou-se da janela. Fitou a figura à sua frente: um tipo normal, dir-lhe-ia qualquer um.

O jovem observava. Atento, expectante.

O especialista psiquiátrico inspirou fundo, deixou o relatório com o inspetor, que o leu uma vez mais, e seguiu para a sala de interrogatório. Ao vê-lo, os olhos do rapaz pareceram aumentar de tamanho, tal era a excitação.

Excitação. Esta palavra fez as entranhas do médico contorcerem-se.

— Quando é que posso vê-la?

O doutor apertou os lábios para prender o sorriso seco que quis esboçar sem pensar e respondeu com franqueza:

— Nunca mais. — Os seus olhos cruzaram rapidamente a parede espelhada, sabendo que do outro lado se encontrava o inspetor com o sobrolho franzido. — Ela está morta.

O NOIVADO

Lamento.

Foi assim que terminou.

Gostava de voltar ao tempo em que pedir desculpa era a solução para todos os meus problemas, não o presságio da derrocada que se aproximava.

Lamento.

Foi também assim que tudo se iniciou, naquele inverno acalorado, faz agora cinco anos. Talvez seja mais fácil contar-vos o que aconteceu desde o início. Pelo menos, recomendaram-me que o fizesse e aqui estou. Não quero desapontar o meu querido psiquiatra.

Estávamos em 2019, no auge dos meus vinte e sete aninhos. Tinha amigos que, embora parecessem comprados no mercado negro, ultrapassavam o laço de qualquer amizade entre animais e princesas da Disney. O meu trabalho corria melhor do que alguma vez havia esperado. E tudo o que pensava era...

Lamento.

Esta palavra acompanhou-me a noite inteira, o dia inteiro, a semana inteira. Apeguei-me mais a ela do que à restante conversa. Era mais fácil assim.

Os motivos para a minha surpresa não tinham explicação. O momento havia de chegar, sabia-o. Mais cedo ou mais tarde. Imaginei sempre que fosse mais tarde. Acreditei que, quando escutasse aquelas palavras amaldiçoadas, também teria seguido em frente.

Lamento.

Naquele instante, eu é que lamentei todos os convites para dançar que recusei e os números de telemóvel que atirei para o lixo. Ele estivera lá, naquelas noites. E os seus olhos, embora silenciosos, prendiam-me tal âncora lançada ao mar. Parece que, pelas costas, andava com a cana à pesca. Não que alguma vez o tivesse impedido.

— Ele não conversa comigo — continuou a Maria, intrrompendo-se nos meus pensamentos. — Ouve os meus problemas, mas não me conta os seus. Sei que há alguma razão que justifica esta atitude tão fechada.

— O que queres dizer com “fechada”? — perguntei, concentrando-me na figura esguia e de voz incerta.

Rabisquei no meu caderno. Adicionei a palavra “irmão” e desenhei uma arca do tesouro fechada a cadeado na página da inscrição da *Paciente Vinte e Três* — M. E. Após vários minutos de hesitação, juntei um *emoji* com a boca em forma de X.

— Há alturas em que...

Endireitei-me na cadeira. Tentei transmitir segurança. A minha função não era fazer juízos de valor. Para julgamentos já lhe chegava a sociedade.

Esta sociedade tantas vezes mesquinha e maldosa.

— Maria, penso que já nos conhecemos há tempo suficiente para saberes que me podes contar o que quiseres — assegurei-lhe.

— Ele é capaz de não me falar durante dias — sussurrou, escondendo-se entre os seus fios de cabelo acastanhados. — Quando se irrita, fica com tanta raiva acumulada que se retrai, fica calado e age como se eu não existisse.

Esta foi a primeira vez que a Maria falou dos problemas com o irmão. Inicialmente, a rapariga de vinte e nove anos contactara-me devido aos seus distúrbios alimentares e, embora fosse importante falar de todos os aspetos da sua vida para compreender o que desencadeou tal comportamento, a conversa nunca seguiu este rumo. Além disso, as melhorias na sua compulsão evidenciavam-se quando descobrimos um momento crucial aos nove anos, após o falecimento do pai. A mãe da Maria começou a cozinhar-lhe o bolo preferido todos os fins de semana, numa certa forma de reconforto, e a sua relação com a comida nunca mais foi a mesma.

— Ele não me trata mal. Não aceitaria que vivesse comigo se o fizesse. Sei que gosta de mim e mostra-me isso inúmeras vezes, mas é incapaz de dizer que me ama. E isto entristece-me.

— Já pensaste em trazê-lo contigo?

A minha sugestão foi imediata. Não por ver os euros a cair no meu bolso, mas porque a queria ajudar e o bem-estar dos meus pacientes vinha — e vem — sempre em primeiro lugar.

Ela riu-se.

— Ele nunca o aceitaria.

— Sozinho, então — reformulei. — O que se está a passar não é saudável para nenhum dos dois.

A Maria olhou-me, o castanho dos seus olhos a aclarar de incerteza.

— Dá-lhe o meu número. Sem compromisso — salientei com um sorriso sincero. — Só quero ajudar.

Se pudesse auxiliar mais uma pessoa a lidar com os seus dilemas, só me tornaria mais realizada.

A maioria das pessoas não tem noção do que é viver com uma doença mental. Já fiz várias consultas conjuntas com familiares ou companheiros para tentar que se colocassem no lugar do meu paciente e o inverso também. No entanto, não é fácil para alguém que desconhece o que o outro sente, perceber este sentimento.

A bela dança da falta de empatia.

Podem ter terminado as terapias de choques térmicos, as banheiras geladas ou com água a ferver, os choques elétricos... Podem ter deixado de amarrar pessoas para as controlar ou até de realizar lobotomias... Podem ter terminado estas barbaridades macabras como forma de controlar os “loucos”, mas tal não significa que estes — tantas vezes ainda considerados malucos — sejam aceites e integrados na sociedade. Há maior aceitação, é certo. Fala-se muito mais de saúde mental, concordo. Mas o respeito, a empatia e a tolerância não estão ao nível de todos.

Continuam a não estar.

Observei a minha paciente sair e fiz as minhas inferências. Foquei-me nas suas energias. Estas oscilavam de consulta para consulta, porém a sua aura jamais perdera a pureza. Marcava-se por um usual brilho branco, ainda que rodeada de muitas outras cores. Inicialmente, viera escura e decadente, o que demonstrava cansaço e exaustão. Fora aclarando com os tratamentos. Por vezes, via o vermelho apaixonado irradiar. Naquele dia, no entanto, um intenso roxo magnetizante vibrava em redor do branco da sua aura.

Roxo. Registei: “segredos”.

Sim, vejo auras. Mas não, não é assim tão extraordinário como se possa pensar. No fundo, quando olho para uma pessoa, além das suas características físicas e das emoções que deixam transparecer, vejo também uma espécie de energia colorida em seu redor. Esta energia transmite-me sensações que, à medida que fui crescendo, aprendi a decodificar.

Certo, dito assim, até parece algo especial. Para mim, é só a minha realidade. Há pessoas que recordam o cheiro, outras o sorriso ou o olhar; eu guardo auras. A da minha irmã, por exemplo, é uma das minhas preferidas. Assemelha-se a um cometa, com a sua forte cor azul e um rasto esbranquiçado.

Por vezes, é cansativo ver e sentir estas energias. Mais ainda quando

temos um trabalho que exige lidar com pessoas frágeis ou traumatizadas. Há dias em que o acumular de energias negativas e auras negras é de tal ordem que fico extenuada.

Foi o que aconteceu naquele dia. A Lara, a minha rececionista e amiga de infância, esmerara-se ao planear um dia dos infernos. Uma segunda-feira normal, portanto.

Cheguei a casa tarde e saturada. Tão esgotada que, quando abri a porta do meu pequeno apartamento no centro de Aveiro, até pensei tratar-se de um sonho. Ainda não tinha entrado por completo e já os sapatos saltavam dos meus pés doridos. Atirei-os para o tapete. No sofá, coloquei a mala e a pasta do computador. Poderia arranjar tempo, mas certamente não paciência, para cozinhar o jantar, tomar banho ou até mesmo respirar. Portanto, dirigi-me à cozinha, peguei no pacote de bolachas recheadas que tinha aberto na noite anterior e regresssei à sala.

Esparramei-me no sofá com um suspiro de alívio bem audível. Os meus cabelos caramelo voaram com o impacto e taparam-me o rosto.

Estafada. Era como me sentia. Todavia, a minha debilidade resumia-se a um estado mais emocional do que físico. A minha mente não parava. Dia após dia, tentava encontrar a melhor solução para auxiliar os meus pacientes. Por vezes, limitava-me a escutá-los. E, amiúde, era apenas disto que eles precisavam: serem ouvidos sem julgamento nem segundas intenções. Ainda assim, tornava-se fatigante, pois todas as histórias eram diferentes, especiais à sua maneira, e cada uma merecia a minha total atenção. Não o pensava num sentido crítico, pois adorava o meu trabalho. Mas tal não mudava o facto de me deixar esgotada.

Liguei a televisão, contudo não lhe prestei atenção. As bolachas mantinham-se dentro do pacote.

Lamento. Recordei.

A conversa com a Joana abalava-me os pensamentos como se decorresse naquele preciso instante. Contudo, só aquela frase se repetia constantemente: “Achei que devia contar-te já, antes que ficasses a saber de outra forma”. Senti o seu nervosismo. O meu aumentou perante o nome que ela evocou. Foi difícil manter a compostura. “Violeta. O Afonso... O Afonso vai casar. Lamento”.

Não sabia interpretar o que mais me magoava: o facto de ele decidir enforcar-se ou de não ter tido sequer a coragem de me contar.

Após uma semana a processar, não aguentei. Esqueci o pacto que fizera comigo própria, quebrei o tratamento de silêncio e mandei-lhe uma *sms*.

Violeta: Devo dar-te a minha morada para enviares o convite?

Nesta altura da minha vida, sentimentos era o que não faltava a borbulhar no meu interior. Todavia, pesavam demasiado e, por isso, fingia que não estavam lá. Engolia-os como se fossem sapos. A questão é que estes sapos se acumulavam e, dia após dia, a passagem do ar tornava-se mais difícil. Dolorosa. Até me sentir sufocar.

Um pouco irónico, tendo em conta que o meu trabalho é, literalmente, lidar com os sentimentos das pessoas.

Uma confissão: é sempre mais fácil lidar com os problemas dos outros do que enfrentar os nossos próprios dilemas.

Afonso: Eu tenho a tua morada, Violeta.

A resposta foi instantânea. De seguida, o telemóvel tocou e saltei com o susto. No ecrã do meu *smartphone* encontrava-se o rosto de alguém que evitara encarar constantemente. A primeira coisa que despertava a minha atenção era sempre o sorriso travesso. Ele não era assim tão bonito em adolescente, mas quando a barba negra lhe cresceu, é que o rosto pareceu ganhar um estranho brilho que atraiu as raparigas que nem as praias das Caraíbas. Foi tão gradual que mal notara as mudanças.

Deslizei o círculo vermelho e os seus olhos cinza desapareceram.

Violeta: Não quero ouvir a tua voz.

Bufei.

Afonso: Vais fazer birra?

Consegui imaginar o seu tom condescendente. Quase ri. Em vez disso, senti uma pontada no peito.

Logo de seguida, enviou outra mensagem.

Afonso: Teria dito mais cedo se soubesse que isso te faria falar comigo.

Ignorei e respondi à primeira.

Violeta: Vou fazer luto pela vida do meu ex-melhor amigo.

Pelo menos, atrás do ecrã, podia fingir que não era um massacre. Obviamente que faria luto pelo meu coração. Ele não tinha de o saber.

Afonso: Melhor amigo...

A resposta para lhe dar ficou presa na minha garganta e não chegou a alcançar os meus polegares. Os melhores amigos não traem, quis dizer-lhe. Os melhores amigos não escondem. E, definitivamente, os melhores amigos não ficam noivos sem contar aos melhores amigos. Contudo, esta resposta mostrar-lhe-ia demasiado interesse.

Sabia que ele tinha uma *amiga*. No entanto, não a trazia para as nossas saídas de grupo e esta atitude, de certa forma, deixara-me cética — ou talvez esperançosa seja a palavra correta — em relação ao namoro. Se lhe chamava amiga, era só amiga. Certo?

Bem, errado!

O Afonso tinha razão ao mencionar o meu afastamento. Fazia-o porque só assim conseguia dissimular, ocultar e reprimir tudo o que ele me fazia pensar e sentir. Ignorava-o porque se tornava mais fácil. E, quem sabe, não se evaporasse o devaneio desta forma. Racionalmente, sabia que estava em repressão ou negação. Algo entre os dois, talvez.

Às vezes, é maçador ser psicóloga.

Presa em autoanálise e conjuração de pragas, adormeci ali mesmo, sem sequer trocar de roupa. Mais um dia.

COMO TUDO COMEÇOU

ANTIGAMENTE - ANO 1998

As primeiras memórias de cada pessoa rondam os três anos. Alguns entendidos acreditam que estas ditas memórias são meras reconstruções de histórias contadas pelos adultos; outros, defendem que é possível, de facto, recordar momentos de tenra idade, se as pessoas forem questionadas repetidamente sobre essas memórias.

Se seria imaginação ou uma memória real, a pequena Violeta não tinha a noção. Contudo, sabia que aquela não era a primeira vez que via o amigo com medo. Algo relacionado com uma aranha dentro de um copo de água dava-lhe uma grande sensação de reconhecimento com o momento atual. Tal como no dia em que foram ver os animais. E aquele outro em que tiveram de atravessar a estrada sozinhos.

Afonso fitava a mãe com os olhos muito abertos e algumas lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. O menino apertava os lábios, numa fútil tentativa de ser forte, trocando vários olhares entre o portão da escola e a mão que agarrava com demasiada força.

— Tenho de ir — disse-lhe a mãe, com uma voz doce. — Daqui a nada venho buscar-te para almoçar.

O pequenito não parecia muito convencido, mas a força que exercia começou a diminuir, até se soltar na totalidade.

Violeta, com um entusiasmo contagiante, deu um beijo no rosto do pai e correu para junto do amigo choroso, abraçando-o como se fosse um urso de peluche.

— Não quero chegar atrasada, totó — sussurrou-lhe. — E que tal usar aquele teu truque do pé direito? Resultou no zoo!

Afonso não queria dar parte fraca e por isso lá se despediu da mãe, evidentemente contrariado, e suspirou. A Vi tinha razão... Se conseguira entrar

no Jardim Zoológico, também seria capaz de passar o portão de uma simples escola.

Após alguns momentos de hesitação, os dois amigos deram as mãos, respiraram fundo três vezes, e entraram com o pé direito na Escola Básica de Ílhavo, que os acolheria nos quatro anos seguintes.

Sempre com o pé direito.